

OS SENTIMENTOS DE PERDA E FRACASSO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: A LIDA COM O PROCESSO DE MORTE NO CUIDADO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS HOSPITALIZADOS

JULIANO MARTINS DE MARTINS¹; RODRIGO DA SILVA VITAL²

¹*Grupo Hospitalar Conceição – julianohpmartins1@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rodrigovital@yahoo.com.br*

1. Introdução

O câncer é uma doença que leva à morte de 8,2 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, foram registradas 189.454 mortes por câncer no ano de 2013, e estima-se que haja um aumento de 596 mil casos da doença no país (INCA, 2016) – levando em consideração os dados do INCA, o câncer é uma doença que tem um alto risco de mortalidade, deixando os profissionais de saúde oncológica mais expostos ao fenômeno da morte.

A morte é um assunto que, de maneira geral, é ignorado e temido pela sociedade, tornando-se um assunto mistificado, embora seja um processo natural do ser humano (DOS SANTOS BENEDETTI et al., 2013). Com isso, a sociedade começou a ver a morte como um tabu, gerando um afastamento do contexto familiar e social na medida em que o seu fenômeno foi mais institucionalizado, com os hospitais se tornando o local com os recursos mais aptos, tanto para a manutenção da vida, quanto para o seu fim; o que contribuiu para que morrer fosse menos intrínseco à naturalidade da vida humana (CAPELLO et al., 2012).

Com isso, a morte permeia a rotina de trabalho dos profissionais de saúde que desempenham as atividades na área hospitalar, ao mesmo tempo em que isso não signifique que os mesmos estejam preparados para a lida com o fenômeno da morte: quando um paciente morre, os profissionais poderão vivenciar um sentimento de fracasso sem que isso, necessariamente, seja verdade, sendo importante que eles entendam o fenômeno para desmistificar a sua percepção (DOS SANTOS BENEDETTI et al., 2013).

2. Metodologia

Este é um estudo de caráter qualitativo, transversal, descritivo e reflexivo que, sendo assim, tem o compromisso de entender e visualizar um grupo social, buscando uma melhor compreensão do fenômeno que foi estudado (NEVES, 1996).

Teve como população alvo, os profissionais da saúde de ensino superior, responsável pelo cuidado de pacientes oncológicos na atenção hospitalar.

Os participantes da pesquisa eram de ambos os sexos (seis mulheres e dois homens), e trabalhavam, no mínimo, há um ano num hospital universitário da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Assim, os profissionais que compuseram o estudo fazem parte do quadro de funcionários do hospital, sendo entrevistado um profissional de cada categoria constituinte da equipe multidisciplinar do serviço de oncologia: 01 assistente social, 01 cirurgião dentista, 01 enfermeiro, 01 fisioterapeuta, 01 médico clínico geral, 01 nutricionista, 01 psicólogo e 01 terapeuta ocupacional – é importante observar que o profissional de fonoaudiologia não participou do estudo, já que não possuía o tempo mínimo de trabalho exigido nesta pesquisa.

Para a coleta de informações, foi realizada uma entrevista semiestruturada, contendo seis perguntas abertas, com a última delas solicitando que o entrevistado respondesse de forma afirmativa (sim) ou negativa (não), direcionando para a sub-pergunta que explorou melhor a informação.

Com isso, o período de coleta e análise das informações se deu entre os meses de setembro e dezembro de 2017, com todas as falas sendo gravados em áudio que, por sua vez, foi transcrito para submissão à análise de conteúdo proposta por Moraes (1999).

É importante demarcar que a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, com essa aprovação estando identificada pelo número 72596917.7.0000.5317.

3. Resultados e discussão

Ficou evidente, pelas análises das falas, a percepção dos profissionais de saúde com relação à morte, que está relacionada a sentimentos ruins, como pode

ser visto na fala da participante P1: “Geralmente está ligado a sentimentos tristes”.

Os profissionais tendem a agregar sentimentos considerados ruins ou mesmo negativos sobre a morte, com tais sentimentos sendo melhor compreendido ao considerar o contexto em que os sujeitos atuam, visto que, muitas vezes, o mesmo não abriga perspectivas curativas, com a ideia de morte podendo significar, antecipadamente, a ideia de fracasso do cuidado. Com isso, os profissionais acabam lidando com inúmeras inquietações que, por sua vez, podem gerar sentimentos dolorosos – P2 “agente fica triste”; P3 “é um processo doloroso”; P7 “algo difícil, sofrido, causa tristeza, dor, muitas vezes (...) vai causar revolta, raiva”.

Segundo De Souza (2009 apud REZENDE, KEGLER, GOMES, 2004), ao vivenciar a morte e o morrer no seu espaço de trabalho, as enfermeiras estão expostas a situações que provocam sofrimento, angústia e dor, com esta sendo uma forma de lidarem com a perda de pacientes, já que, para De Sousa, (2009) o processo de morte também desperta sofrimentos, sentimentos de perda, dor e fim.

Neste estudo, os sentimentos relacionados à morte de pacientes também foram relacionados a conteúdos negativos ou ruins, com esta sendo uma das formas de enfrentar as diversas situações envolvidas. Se por um lado isso encontra respaldo na construção cultural relacionada à morte, por outro poderá afetar o trabalho de cuidado em saúde: havendo uma tendência natural das pessoas evitarem os sentimentos ruins, os profissionais poderão pouco se envolver ou até se afastar do paciente terminal, assim como de sua família, diminuindo a capacidade de avaliação e soluções de problemas; o que prejudica a integralidade da assistência.

4. Conclusões

O conteúdo que emergiu deste estudo contribuirá para conhecer e descrever a percepção dos profissionais de saúde que trabalham com pacientes oncológicos hospitalizados, pois ele evidencia os sentimentos negativos que a morte provoca nos profissionais de saúde e que, de alguma forma, poderão ser entendidos a partir do contexto de tais profissionais e pacientes, pois se tratando de um lugar que preconiza a cura e a restauração dos indivíduos, os profissionais

acabam percebendo a morte como algo a ser negado ou combatido, surgindo o sentimento de perda ou fracasso, mesmo quando ela possui sua pré-visibilidade.

Por fim, a morte é um fenômeno que causa inúmeros questionamentos e estranhamentos. No entanto, isso não deve ser uma barreira para a discussão sobre a morte e o morrer; o que levaria, aos profissionais de saúde, esclarecimentos frente a este fenômeno cotidiano no trabalho com pacientes oncológicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELLO, E. M. C. S. et al. Enfrentamento do paciente oncológico e do familiar/cuidador frente à terminalidade de vida. **Journal of the Health Sciences Institute**, 2012.

DE SOUSA, D. M., DE OLIVEIRA SOARES, E., DE SOUZA COSTA, K. M., DE CARVALHO PACÍFICO, A. L., & PARENTE, A. D. C. M. (2009). A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. **Texto & Contexto Enfermagem**, 18(1), 41-47.

Inca - Instituto nacional do câncer. O que é o câncer? 2016. Site: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/cancer/site/oquee>. Acessado em: 25/08/2018.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

REZENDE, M. D., KEGLER, A. L., & GOMES, D. (2004). Morte: uma certeza afligindo profissionais de enfermagem, familiares e pacientes. *Recenf*, 2(9), 182-85.

SALES, C. A., DOS SANTOS BENEDETTI, G. M., OLIVEIRA, K., OLIVEIRA, W. T., & FERREIRA, P. C. (2013). Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 34(1), 173-179.